



Contrastes

BELENENSES-LEIXÕES

«A BOLA»

Arbitragem deficiente e com pouco «pulso». Certas entradas à margem das leis, especialmente dos defesas dum e doutro lado, mereciam amplamente punição que não tiveram. E houve ocasiões em que o juiz de campo «apitou» sem sabermos porquê. Já no declinar do encontro deixou passar um «fora-de-jogo» clamoroso ao ataque do Leixões.

«O MUNDO DESPORTIVO»

O juiz não teve ensejos para se comprometer, pois o jogo, salvo algumas picardias isoladas e inconsequentes, de um ou outro jogador mais temperamental, não teve problemas. Nem disciplinares, nem técnicos. Portanto, um «bom» para o juiz da partida.

SINTRENSE-LUSITANO

«O MUNDO DESPORTIVO»

A arbitragem pôs em evidência quão justa foi a sua desqualificação de árbitro internacional. Além de demonstrar uma nítida má forma física, o juiz escalabitano, teve erros técnicos de palmatória que não influíram no resultado mas que são imperdoáveis para a sua categoria.

«A BOLA»

Como era de esperar, dirigiu o jogo a contento, mostrando-se consciencioso e autoritário.

ATLÉTICO-BENFICA

«A BOLA»

Elevado este ano à categoria de árbitro internacional, realizou um trabalho autoritário e firme ainda que nem sempre certo e uniforme quanto ao critério do julgamento das cargas.

Não compreendemos por que razão prolongou a segunda parte em nada menos de três minutos — não havia motivo para tanto!

Estes os pormenores. Porque, no todo, o trabalho do conhecido juiz de campo lisboeta, foi bastante bom.

«O MUNDO DESPORTIVO»

Começou bem. Procurando travar o jogo duro começou — aliás, sem razão — por advertir o benfiquista Cruz num lance de puro futebol. E depois, tempo fora, lamentavelmente esqueceu-se de usar o mesmo critério em relação a Valdemar e a Vicente. Não ligou a menor importância aos sinais do fiscal de linha do lado da bancada, no assinalar de alguns fora-de-jogo e na segunda parte, sobretudo, pendeu para o grupo da «casa» nalgumas decisões incompreensíveis.

De aqui se deduz que os árbitros também têm as suas tardes de pouca inspiração.

CUF-GUIMARÃES

«A BOLA»

Boa arbitragem num jogo em que apenas a decisão da grande penalidade deixou dúvidas. Encontrava-se, no entanto, tão perto do lance que certamente a razão está do seu lado.

«O MUNDO DESPORTIVO»

O trabalho (sempre atento e bem auxiliado) quedou-se pela linha divisória dos níveis negativo e positivo. Nalguns lances de capital importância parece merecer o epíteto de «caseiro». A falta (?) que originou a sua decisão de «penalty» justificaria, quando muito, livre indirecto, por obstrução. Em lances desse género não se pode proibir um «back» de tentar a intervenção eficaz e a perna estendida que jogou a bola pode ser obstáculo a transpor, motivo de tropeção. Foi pronta a decisão — mas errada, quanto a nós.

No livre que Mendes disparou directamente, fazendo uns hipotéticos 3-2, surpreendeu o rematador (e o crítico!) ao decidir-se (um pouco tardiamente) pela qualidade de indirecto. A falta (derrube violento) era para livre directo, sem sombra de dúvidas. Não há que referir a critérios pessoais — é a lei que o diz. O Vitória tem motivos para se lamentar da arbitragem e nós têmo-los para não lhe atribuímos nota alta. O «3» constitui limite máximo.